

Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática



Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes editoriais

Natalia Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Educação e interdisciplinaridade: teoria e prática

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadoras: Anaisa Alves de Moura
Márcia Cristiane Ferreira Mendes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação e interdisciplinaridade: teoria e prática / Organizadoras Anaisa Alves de Moura, Márcia Cristiane Ferreira Mendes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-480-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.808210809>

1. Educação. 2. Interdisciplinaridade. I. Moura, Anaisa Alves de (Organizadora). II. Mendes, Márcia Cristiane Ferreira (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

PREFÁCIO

Esta é uma obra que, por certo, contribuirá no cotidiano educacional dos professores, e trará a consciência a realidade das diversas modalidades de ensino que permeiam o itinerário de formação de professor, e das fragilidades da experiência tradicional. Portanto, nesta obra você, leitor, vislumbrará estratégias didáticas, críticas, experiências e propositivas que indicam caminhos diversos no campo educacional. É uma obra ousada em saberes profissionais, saberes científicos e saberes pessoais.

É possível entender o ensino-aprendizagem de maneira interdisciplinar? É possível realizar projetos que envolvam a escola, a instituição como um todo? Que limites podem ser explorados a partir das experiências que você vislumbrará nesta obra? Estes são alguns dos questionamentos que os pesquisadores construtores desse material tentarão impactar, com reflexões do cotidiano de cada leitor, de forma simples, visualizando os diversos olhares sem perder os detalhes que os singularizam e espelham em suas vivências profissionais.

É necessário se afastar de modelos tradicionais que privilegiem exclusivamente o modelo disciplinar, como as abstrações teóricas que se afastam da realidade dos alunos, ou seja, é preciso uma proposta de caráter mais pragmático, mas não apenas isso. A teoria científica deve ser vinculada ao contexto de aplicação e vice-versa, promovendo a autonomia dos estudantes e a visão crítica que vem da reflexão sobre a prática.

Sabemos das dificuldades que as tarefas cotidianas impõem ao trabalho docente; entretanto, indicamos que o processo de mudança começa com um primeiro passo, com o convencimento para o fazer interdisciplinar, com o compartilhamento das atribuições e dos saberes. Alguns erros serão cometidos, mas o mais importante depois desse primeiro passo é a direção que a sua prática pedagógica poderá tomar; a formação mais crítica e humana que você poderá proporcionar a seus estudantes; a sua satisfação em corresponder aos anseios de sua profissão.

Como dizem Freire (1996) e Fals Borda (2008), é impossível ensinar ou aprender sem a coragem de ter sentimentos e de agir em função da transformação do mundo e dos homens. Sentir e agir são tão importantes quanto o pensar, e não trazem a este uma “acientificidade” ou uma “pieguice”, que alguns professores possuem bastante receio de ter. Para os autores, os sentimentos, as emoções, os desejos, os medos, as dúvidas, a paixão e outros são componentes essenciais para a aprendizagem, não apenas a razão crítica – “conhecemos com o corpo inteiro”.

Falamos um pouco do que você encontrará nesta obra **“EDUCAÇÃO E INTERDISCIPLINARIDADE: TEORIA E PRÁTICA”**, como ensinamento, aprendizagem, interdisciplinaridade, impactos e muitas reflexões, portanto, agora é o momento de você aprofundar mais o seu conhecimento vislumbrando os vários contextos educacionais que esta obra lhe proporcionará.

Uma excelente leitura a todos (as)!

Às organizadoras!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	13
PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO E QUALIDADE DE VIDA NO TRABALHO ENTRE OS DOCENTES DE UM CENTRO UNIVERSITÁRIO	
Adriana Pinto Martins Evaneide Dourado Martins Márvilla Pinto Martins Francisca Neide Camelo Martins Lara Martins Rodrigues	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108092	
CAPÍTULO 2	26
RELAÇÃO ENTRE PERCENTUAIS DE REPROVAÇÕES E UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS DE APRENDIZAGEM EM INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PRIVADA	
Rômulo Carlos de Aguiar Ildiana de Azevedo Pereira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108093	
CAPÍTULO 3	41
EDUCAÇÃO SEXUAL: ATUAÇÃO DOS PROFESSORES DO CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL JACYRA PIMENTEL GOMES	
Pamela Lima Nogueira Ximenes Maria da Paz Arruda Aragão	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108094	
CAPÍTULO 4	50
EDUCAÇÃO E TRABALHO PARA PESSOAS COM AUTISMO: DIÁLOGO INTERDISCIPLINAR ENTRE O BIOLÓGICO E O SOCIAL	
Marcelo Franco e Souza Roberto Kennedy Gomes Franco Maria Aparecida de Paulo Gomes Sílvia de Sousa Azevedo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108095	
CAPÍTULO 5	63
SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE: EXPERIÊNCIA DO NÚCLEO DE APOIO PSICOLÓGICO AO ESTUDANTE DO UNINTA (NAPSI)	
Jeciane Lima da Silva Marcelo Franco e Souza Denise da Silva Araújo Maria Edileuda Liberato Portella Germana Albuquerque Torres	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108096	

CAPÍTULO 6..... 76

TRABALHO E PRÁTICAS EDUCATIVAS DOS POLICIAIS MILITARES EM MEIO À PANDEMIA DE COVID-19: UMA ANÁLISE REALIZADA NO MUNICÍPIO DE SOBRAL (CE)

Flávio Pimentel Cavalcante

Anderson Duarte Barboza

Heloísa Carneiro de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108097>

CAPÍTULO 7..... 88

TECNOLOGIAS DIGITAIS APLICADAS À EDUCAÇÃO EM TEMPOS DE PANDEMIA

Evaneide Dourado Martins

Bruna Dourado Martins

Adriana Pinto Martins

Sabrina Barros de Sousa

Cleyton Gomes Carneiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108098>

CAPÍTULO 8..... 102

A IDEALIZAÇÃO DA MATERNIDADE E O SOFRIMENTO MATERNO: CONTRIBUIÇÕES DA PSICOLOGIA PERINATAL

Germana Albuquerque Torres

Ana Ramyres Andrade de Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8082108099>

CAPÍTULO 9..... 116

OS NOVOS ARRANJOS FAMILIARES: A RELAÇÃO ENTRE FAMÍLIAS HOMOPARENTAIS E A INSTITUIÇÃO ESCOLA

Amanda Kelly Viana Cezário

Cellyneude de Souza Fernandes

Geórgia Bezerra Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080910>

CAPÍTULO 10..... 129

A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA O ENSINO DE HISTÓRIA A DISTÂNCIA

Juliana Magalhães Linhares

Luciane Azevedo Chaves

Michelle Ferreira Maia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080911>

CAPÍTULO 11..... 142

APRENDIZAGEM BASEADA EM EQUIPES: IMPLICAÇÕES NA DISCIPLINA DE ENFERMAGEM EM CLÍNICA I POR MEIO DO ENSINO REMOTO SÍNCRONO

Keila Maria Carvalho Martins

Hermínia Maria Sousa da Ponte

Perpétua Alexandra Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080912>

CAPÍTULO 12..... 152

UTILIZAÇÃO DE JOGOS DIDÁTICOS NA DISCIPLINA DE FISIOLOGIA HUMANA EM CURSOS DE GRADUAÇÃO NA ÁREA DA SAÚDE

Vanessa Mesquita Ramos
Adílio Moreira de Moraes
Berla Moreira de Moraes
Betânea Moreira de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080913>

CAPÍTULO 13..... 164

A CONTRIBUIÇÃO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA FORMAÇÃO DOCENTE

Marina da Silva Belarmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080914>

CAPÍTULO 14..... 177

“MEU QUINTAL É MAIOR QUE O MUNDO”: QUESTÕES INVESTIGATIVAS E EVIDENCIADAS PELAS CRIANÇAS NOS ESPAÇOS E TEMPOS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Fernanda Mendes Cabral
Ludmila Lessa Lorenzoni Vaccari
Maria Aparecida Rodrigues da Costa Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080915>

CAPÍTULO 15..... 192

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA E SUA RELAÇÃO COM AS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Márvilla Pinto Martins
Francisca Irvna Mesquita Cisne
Dayse Rodrigues Ponte Gomes
Carolina Costa Parente
Iara Sílvia Aguiar Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080916>

CAPÍTULO 16..... 202

O ENSINO REMOTO NA PANDEMIA DE COVID-19 NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS DO ENSINO MÉDIO

Francinalda Machado Stascxak
Limária Araújo Mouta
Maria Aparecida Alves da Costa
Maria Julieta Fai Serpa e Sales
Roberta Kelly Santos Maia Pontes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080917>

CAPÍTULO 17.....213

PROMOÇÃO DA SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA: DIÁLOGOS E AFETAÇÕES COM ADOLESCENTES ESCOLARES

Viviane Oliveira Mendes Cavalcante
Kássia Valéria de Sousa Duarte
Ana Hirley Rodrigues Magalhães
Francisco Freitas Gurgel Júnior
Ana Suelen Pedroza Cavalcante
Rejanio Aguiar Aragão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080918>

CAPÍTULO 18.....222

O DESAFIO DO ENSINO REMOTO E A SUA RELAÇÃO COM A INTERDISCIPLINARIDADE

Tatiana de Medeiros Santos
Ascenilma Alencar Cardoso Marinho
Maria do Socorro Crispim Araújo Furtado Wanderley
Francineide Rodrigues Passos Rocha
Fabiana de Medeiros Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080919>

CAPÍTULO 19.....237

TECNOLOGIAS DIGITAIS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA: CONTRIBUIÇÕES E DESAFIOS À DOCÊNCIA

Wagner da Silva Santos
Giovanna Barroca de Moura
Ércules Laurentino Diniz
Carlos da Silva Cirino
Amanda Berto Ribeiro de Oliveira
Ilani Marques Souto Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080920>

CAPÍTULO 20.....252

A PEDAGOGIA DO CORPO COMO CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Michele Christiane Alves de Brito
Giovanna Barroca de Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080921>

CAPÍTULO 21.....266

ÉTICA APLICADA A GESTÃO ORGANIZACIONAL: ANÁLISE DOS FATORES CULTURAIS

Filipe Leão Ferro
Samylle Barbosa Veras Ferro
Luciana de Moura Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080922>

CAPÍTULO 22	279
PROJETO DE EXTENSÃO CONHECENDO O CORPO HUMANO: O USO DE <i>SOFTWARES</i> PARA O ENSINO <i>ONLINE</i> DE ANATOMIA HUMANA	
Karlla da Conceição Bezerra Brito Veras Raiara Bezerra da Silva Francisco José da Silva José Otacílio Silveira Neto Milena Araújo Fernandes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080923	
CAPÍTULO 23	293
GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPATIVA NA ESCOLA MUNICIPAL ALEXANDRINO MOUSINHO (GUADALUPE-PI): SABERES, ESCOLHAS E DESAFIOS	
Alessandra Silva Noleto Célia Camelo de Sousa Charmênia Freitas de Sátiro Edmilsa Santana Araújo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080924	
CAPÍTULO 24	306
GESTÃO ESCOLAR E AS COMPETIÇÕES EXTERNAS: OLIMPÍADA INTERNACIONAL DE MATEMÁTICA (IMO)	
Joelma Alves Rodrigues Márcia Cristiane Ferreira Mendes Graça Maria de Moraes Aguiar e Silva Anaísa Alves de Moura	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.80821080925	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	317

A PEDAGOGIA DO CORPO COMO CONSTRUÇÃO DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Data de aceite: 02/08/2021

Michele Christiane Alves de Brito

Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3917049318045749>

Giovanna Barroca de Moura

Universidade de Coimbra, Coimbra, Pt, Portugal
<http://lattes.cnpq.br/3632243014562568>

1 | INTRODUÇÃO

O corpo humano, em suas amplas possibilidades, esteve por gerações, objetivado e limitado ao aspecto biológico e às sintomatologias. Visto por leigos e estudiosos como um objeto de estudo fragmentado, descontextualizado, foi alvo principal das ciências físico-químicas, que o percebem, desde o século XVIII, enquanto referencial de cidadania forte e saudável, representante de uma nação, e o ignoram em sua complexidade sociocultural.

Na representatividade contemporânea, o corpo humano vem assumindo um papel de elemento que preocupa e inquieta as pessoas em nome da saúde, embora, na realidade, vincule-se, principalmente, à “estetização da saúde numa perspectiva de bem-estar que associa o corpo saudável àquele que é reconhecido na sociedade como belo” (CAMINHA, 2012, p.181).

Nesse sentido, as pessoas se veem submetidas aos modelos impostos, sacrificando seu equilíbrio corporal em prol da estética e do que é considerado atraente de acordo com padrões físicos.

Percebe-se, ainda, concepções equivocadas do corpo no contexto educacional, no qual, em nome da disciplina e do bom desempenho da aprendizagem, há uma massificação dos corpos. Desde a disposição das cadeiras até a exposição dos conteúdos, a escola contribui para a formação de estudantes passivos e limitados espacialmente, cujo movimentar-se representa uma quebra às regras e à harmonia do ambiente da sala de aula, onde “desconsideram-se os corpos dos/das estudantes, as identidades inscritas nesses corpos, bem como as inscrições históricas, sociais e culturais” (QUADRADO; RIBEIRO, 2005, p.3). Existe, nessa visão educacional, um reforço para a fragmentação entre o corpo e a mente e a docilização dos corpos em prol da reprodução de modelos ideológicos.

Nos espaços e práticas sobre o corpo em movimento na Educação Infantil onde as crianças são ensinadas a ficarem quietas, sentadas, fazerem e andarem em fila, ficarem caladas, serem obedientes. Essa é a instrução que reflete o entendimento de que crianças educadas e comportadas são aquelas que obedecem, não se movem, ou de forma acrítica, repetem o que os

professores determinam que elas façam como modelo de ser e estar no mundo (OLIVEIRA, 2020)

Segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um dos documentos mais atuais para se pensar a educação infantil, homologada no ano de 2017 (BRASIL, 2017), traz o campo de experiência “Corpo, gestos e movimentos” que aponta o movimento, como as brincadeiras e o lúdico ganham protagonismo na hora de aprender.

Sob tais perspectivas, decidimos nos debruçar em tal estudo em virtude, principalmente, da forma como o corpo tem sido experienciado no cenário educacional, onde posturas controversas o submetem a processos de massificação e silenciamento, ao invés de entendê-lo como instrumento de descoberta e construção de conhecimentos nas mais variadas áreas do conhecimento. Esses aspectos merecem a atenção de estudos críticos e reflexivos que visem o aperfeiçoamento da compreensão dos processos de aprendizagem na Educação Infantil, no reconhecimento do corpo enquanto representação subjetiva do indivíduo.

Desta forma, o objetivo principal desta pesquisa é compreender em que medida uma pedagogia do corpo globalizada e ativa pode potencializar a construção da aprendizagem por parte dos educandos na Educação Infantil. Para tanto, aprofundaremos nosso estudo em capítulos que discorrerão acerca da percepção do corpo em processos históricos sociais e sua potencialidade sociocultural facilitadora de processos de aprendizagem na educação infantil. Faremos essa análise com base em teóricos e estudiosos que pesquisam a representação do corpo no contexto social e educacional a partir de uma conceituação do corpo objeto e corpo sujeito, compreendendo-o, em sua subjetividade humana, enquanto produto e representação cultural. Essa perspectiva quebra com antigos paradigmas limitados à dimensão anatômica e contesta a posição contemporânea a respeito da corporeidade que reduz ou impõe uma submissão estética ao corpo no intuito de atender aos padrões estabelecidos.

A partir dos contextos descritos, acreditamos que tal estudo proporciona um enriquecimento significativo às esferas sociais, educacionais e profissionais na medida em que resgata o reconhecimento do corpo enquanto representação exclusiva e singular do ser humano na sociedade na qual está inserido. Na tentativa de promover uma reflexão acerca dos perigos da estetização do corpo e do seu sacrifício em nome do culto ao belo, buscamos contribuir para práticas pedagógicas mais eficientes e emancipatórias em uma perspectiva de interdisciplinaridade, a partir de uma pedagogia do corpo efetiva.

Sob tais embasamentos teóricos, aprofundaremos a pesquisa com a análise exploração de fontes e autores variados, no intuito de compreender a percepção e o estigma conferido ao corpo, sobretudo, no contexto educacional. Acreditamos, pois, que um olhar diferenciado aos aspectos corporais é capaz de ampliar as possibilidades de aprendizagem.

2 | METODOLOGIA

Convictos da especificidade que envolve a temática proposta, realizaremos a pesquisa sob uma abordagem qualitativa dos dados, do tipo bibliográfica e exploratória, em virtude, principalmente, de sua vinculação aos aspectos humanos subjetivos, sobretudo em sua associação aos processos de construção de saberes, numa singularidade só possível de ser analisada numa perspectiva qualitativa de análise. As discussões serão tecidas em uma perspectiva de análise e compreensão de observações e estudos científicos com caráter subjetivo por referir-se ao “universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, relacionados a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de medidas e de variáveis” (Deslandes, 1994, p.21-22).

3 | O CORPO NO CONTEXTO HISTÓRICO

Ao longo da história, o corpo humano tem sido percebido de maneira descontextualizada, em uma perspectiva de objeto, e limitada aos conhecimentos científicos, médicos e fisiológicos. Essa concepção, muitas vezes mascarada por concepções diferenciadas de cuidado, representação de força e poder, desencadeia uma perda de aproveitamento potencial do corpo enquanto unidade integral e instrumento principal de apropriação do meio e dos diversos saberes capazes de intermediar conhecimentos.

Encontramos no corpo, desde a era primitiva, a forma de existir e subsistir no mundo, pois “quando o homem primitivo sentiu a necessidade de lutar, fugir ou caçar para sobreviver, mesmo sem grandes conhecimentos científicos, utilizou-se do seu corpo como instrumento para explorar o ambiente e garantir a sua segurança e sobrevivência, relacionando-se e construindo saberes, expressando suas crenças e concepções através de pinturas e adereços, externando, assim, a sua cultura.

Ao refletirmos sobre as concepções de cada sociedade em diferentes épocas, entendemos que na medida em que “avança a história, avança a necessidade da atividade corporal como meio de subsistência, sobrevivência e controle espacial.” (DAÓLIO, 2004, p-16). As necessidades humanas, sejam baseadas em aspectos curativos, higiênicos, comportamentais, de crenças, ou simples referência de padrões socioculturais, modificam-se de acordo com as demandas sociais. Sobre essas demandas, o autor evidencia a sociedade egípcia, na qual era desenvolvida uma ginástica que valorizava as habilidades físicas como “equilíbrio, força, flexibilidade e resistência, utilizando materiais de apoio como tronco de árvores, pesos e lanças” (idem, p.17) com o objetivo de treinar do corpo e desenvolver habilidades para a formação de guerreiros.

Daólio (2004) nos mostra como a concepção corpórea se subjetiva a cada civilização, citando a grega enquanto destaque, com referenciais como Sócrates e Platão,

os quais associavam as atividades físicas ao processo pedagógico e evidenciavam aspectos musicais vinculados ao corpo em todas as faixas etárias. Essa perspectiva é alterada na Idade Média, onde o aspecto religioso se sobrepõe aos demais e o culto ao corpo é considerado algo pecaminoso, sendo “o mundo perfeito – mundo das ideias, onde habita a perfeição sem pecados”. (idem, p.18).

Já no período Renascentista, por volta dos séculos XV e XVI, há uma alteração nos paradigmas sociais que promove e exalta o corpo e a sua beleza. Diversas áreas do conhecimento, sobretudo as artes, dão enfoque ao corpo sob uma perspectiva física, reverenciada, cultuada, com destaque em obras de Leonardo da Vinci, Michelangelo, entre outros, que deram destaque aos contornos corporais.

Assim, com relação ao corpo, percebemos um antagonismo entre ambas as concepções. Enquanto na Idade Média houve o questionamento e negação da reverência ao corpo, percebendo-o enquanto elemento de pecado e propondo que a mente seja o alvo principal enquanto representação humana, na Renascença sucedeu o renascimento da valorização do corpo, inclusive com um grande diferencial em virtude da exposição da figura humana em diversas representações de artistas de renome.

No período da Revolução Industrial há uma modificação no contexto social e consequentemente nos modelos culturais que permeiam esta época. As pessoas, que antes possuíam ofícios de artesãos ou construtores de obras de artes manufaturadas, agora passam a se inserir no ambiente fabril, um suposto avanço que impõe normatizações e traz um caráter mecânico ao desempenho dos trabalhadores. Nessas fábricas, os operários se submetiam à uma jornada de trabalho prolongada, em local fechado, exercendo funções repetitivas e descontextualizadas e expostos a um sistema trabalhista que exigia que o corpo trabalhador exercesse o mais rápido possível sua atividade produtiva. Com fins estritamente lucrativos, o fruto de um sistema capitalista inseria e encarcerava corpos em nome do trabalho e da maximização dos lucros.

Essa realidade é precisamente descrita no filme *Tempos Modernos* (1936), que aborda a estrutura fabril e sua produção e evidencia o corpo humano a serviço da máquina. O processo de produção impõe a alienação e a subserviência ao método de trabalho direcionado por máquinas, que se sobrepõem ao homem, na medida em medida que supera rendimentos em tempos cada vez menores. Retrata, ainda, a forma segmentada da percepção do ser humano, dividido entre corpo e mente, onde ambos possuem um funcionamento separado e diferenciado. Este fator é demonstrado quando o operário, vivido por Charlie Chaplin, apresenta um colapso nervoso e é considerado louco, quando, na verdade, tal comportamento é desenvolvido justamente pelo formato opressor da execução das atividades no contexto fabril. A mente fica sujeita a ações repetitivas e desconexas do corpo em função do tempo e do aumento da produção, que precisa estar buscando a superação de seus próprios limites para acompanhar o ritmo das máquinas.

“A fábrica parece claramente um convento, uma fortaleza, uma cidade fechada; o guardião só abrirá as portas à entrada dos operários, e depois que houver soado o sino que anuncia o reinício do trabalho” (FOUCAULT, 1999, p.169). Essa é uma estrutura semelhante a encontrada em presídios, que possui horários rígidos, com cerceamento da liberdade de ir e vir dos corpos, alvo de punições e, sobretudo, castração aos processos de interação, que, no contexto fabril, representam uma perda do tempo que deveria ser destinado à produção.

Nesse sentido, a modernidade é caracterizada como a Era das máquinas, onde diversos maquinários são pensados e desenvolvidos com o intuito de acelerar a produção. O homem, em segundo plano, além de ser substituído por muitas destas invenções, sofre a imposição de seus ritmos, em um ambiente sem comunicação, onde o indivíduo é castrado em sua subjetividade e significação, moldando-se às novas perspectivas do sistema. O aspecto higiênico, por conseguinte, dá lugar a uma preocupação em preparar o corpo para apresentar-se “forte, saudável, obediente, treinado, adestrado, apto, portanto, ao novo trabalho calcado na produtividade e em oposição ao corpo indolente, preguiçoso...” (p.43), capaz de suportar a extensa jornada de trabalho com ações repetitivas e em condições muitas vezes subumanas.

A situação de opressão corporal aliada ao processo de inchaço urbano, em virtude do processo de industrialização, ocasionou doenças para os proletários, pela baixa qualidade de vida e, até mesmo, a morte. Esses fatores originaram uma concepção higiênica do corpo humano, como uma forma de cuidá-lo e preservá-lo nesse contexto causado, entre outros motivos, pela superpopulação, surgindo uma preocupação com os aspectos de higiene e com os cuidados que pudessem prevenir o adoecimento dos corpos, o comprometimento da saúde e da integridade.

4 | O CORPO NA ESCOLA

A Base Nacional Comum Curricular é o documento mais atual para se pensar o corpo na educação infantil e as práticas pedagógicas. O professor ao compreender essa articulação poderá conduzir a aprendizagem infantil para a formação do ser mais crítico, autônomo e emancipado que tanto desejamos na nossa sociedade

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular a criança não possui um corpo passivo, mas um corpo ativo no centro do processo que precisa realizar experiências e se movimentar, onde o conhecimento se dá através das experiências. É evidente que este documento traz discussões da infância e os corpos e aponta o meio social e cultural como fundamental na construção de práticas pedagógicas (SAMUDIO; OLIVEIRA, 2020).

Assim como o corpo, a escola também consiste numa representação sociocultural, e ambos se interligam num processo que vincula a aquisição de saberes e os aspectos

formadores do ser humano em seus mais variados aspectos

De acordo com Foucault (1999), a escola, assim como as demais instituições sociais, tem, por um longo período, corroborado com os processos de doutrinação dos indivíduos, com o intuito de atender às exigências do contexto social. Ao selecionarem e transmitirem conteúdos que visam homogeneizar o comportamento do educando associado aos padrões sociais esperados, as práticas pedagógicas vinculam-se a uma concepção de “um corpo atemporal, a-histórico, sem rosto, pés, mãos, sexo, fragmentado em órgãos, funcionalista, deslocado do ambiente. Um corpo universal, um corpo que tem um padrão” (QUADRADO & RIBEIRO, 2005, p.1). Também anulam o indivíduo na medida em que o afastam da sua própria consciência social, desprezam a sua subjetividade, sua história de vida, seus interesses e desejos.

O currículo dessa escola que encarcera, e que prioriza o aluno hábil e capaz, enfoca o corpo prioritariamente vinculado às normas de conduta, ao processo de higienização, ao aspecto biológico, tornando-o objeto limitado e fragmentado, de forma que este mesmo corpo não é percebido pelos educandos como elemento independente e com forças e vontades próprias. Isso acontece porque existe um propósito maior: formar o aluno que se adeque aos padrões sociais vigentes, a partir de estratégias e conteúdos transmitidos, muitas vezes, de forma unilateral. Nesse sentido, a figura do professor ocupa papel central no processo de ensino-aprendizagem e, em nome da ordem disciplinar, os alunos são dispostos uniformemente uns atrás dos outros, em silêncio, para que absorvam, como papéis em branco, o conteúdo que o sistema julga ser fundamental.

Nessa concepção tradicionalista do ensino “a disciplina procede em primeiro lugar à distribuição dos indivíduos no espaço. Para isso, utiliza diversas técnicas”. (FOUCAULT, 1999, p.168). A disposição dos lugares ocupados pelo professor e pelos alunos constitui um exemplo dessa força disciplinar. Enquanto o docente assume a posição central, à frente dos alunos e, em alguns casos, em um espaço mais elevado, os alunos se amontoam, atentos e oprimidos pela autoridade e soberania do professor.

Evidencia-se, portanto, uma educação que pacifica, que objetiva prioritariamente moldar os indivíduos de acordo com as normatizações e leis que regem a sociedade. De forma alienada, subjuga-os a meros objetos, que não tem espaço para participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem. Esses fatores tornam a escola um espaço de não comunicação, ou de uma comunicação unilateral, na qual cabe à autoridade maior, o professor, delegar tarefas e transmitir os conteúdos obrigatórios, enquanto os alunos assistem, mecânica e passivamente às exposições, desconhecendo, muitas vezes, a origem e a utilidade dos diferentes assuntos abordados para a sua vida cotidiana.

Diante deste cenário, houve a necessidade de implantação de uma disciplina que se preocupasse com as questões do corpo, a Educação Física. No entanto, evidencia-se mais um equívoco educacional vinculado ao aspecto corporal, pois caracteriza-se enquanto

prática que objetiva disciplinar corpos, estabelecer controle, torná-los fortes, treinados, a partir de atividades que priorizam o desenvolvimento e habilidades motoras, em um espaço e tempo determinados.

Considerado essas problemáticas, cabe à escola ressignificar o aspecto corporal e compreendê-lo enquanto representação de vivência singular do ser humano, forma de expressão e interação, considerando que “esse patrimônio cultural composto pelo jogo, ginástica, esporte, dança – elementos da cultura corporal - deve ser garantido a todos os alunos de forma que eles possam compreender a realidade social como dinâmica e passível de transformações.” (DAOLIO, 2004, p.38). Dessa forma, o aluno perceberá a si como sujeito integral e ao seu corpo como instrumento de atuação no contexto social, elemento cultural que o representa enquanto ser singular, com a liberdade de, no cenário educacional, explorar diversas formas de movimento, pois este é constituído como fonte de aprendizagens.

O processo histórico-social, ciente dos equívocos, tenta implementar, com as políticas educacionais, ações que determinem essa ressignificação do corpo no contexto educacional voltado para as crianças da Educação Infantil. Objetivam, assim, desenvolver estímulos para que a criança se perceba enquanto sujeito, e que, dessa forma, possa vivenciar experiências que priorizem o seu desenvolvimento motor e corporal em associação ao cognitivo. Paín (1985) sintetiza o ideal de corpo no contexto educacional considerando que:

É em função do corpo, que se é harmônico ou rígido, compulsivo ou abúlico, ágil ou lerdo, bonito ou feio, e com esse corpo se fala, se escreve, se tece, se dança, resumindo, é com o corpo que se aprende. As condições do mesmo, sejam constitucionais, herdadas ou adquiridas, favorecem ou atrasam os processos cognitivos e, em especial, os de aprendizagem.” (PAÍN, 1985, p.22)

Portanto, a educação acontece, inclusive, através do corpo, de forma constante e ininterrupta, dentro e fora de sala de aula, nas relações estabelecidas entre corpo e meio.

5 | BRINCANDO E APRENDENDO COM O CORPO NO CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A criança, percebida enquanto ser em desenvolvimento, é reconhecida, em sua subjetividade, com a principal especificidade de viver para brincar, ou brincar para viver, visto que, através dos jogos e brincadeiras, expressa seus sentimentos, interage com o mundo e externa suas representações em processos entre a realidade e a fantasia. É por meio do brincar que a criança reinventa ações e significados, se insere aos poucos no cenário adulto e apreende normatizações que norteiam o contexto social a partir de uma liberdade onde é possível incorporar personagens e imitar modelos de comportamento

humano.

Nessa perspectiva, “toda brincadeira, independentemente de seus elementos e regras, revela traços de nossa realidade. E ainda antecipa inúmeras formas de agir e interesses que despertam ou se ocultam em nossa personalidade à medida que nos desenvolvemos.” (SAMPAIO, et al., 2012, p.135). Tal oportunização e liberdade de expressão na forma de ser permite que a criança construa processos internos a partir de ações de identificação e significação, pois:

A brincadeira é a vida da criança e uma forma gostosa para ela movimentar-se e ser independente. Brincando, a criança desenvolve os sentidos, adquire habilidades para usar as mãos e o corpo, reconhece objetos e suas características, textura, forma, tamanho, cor e som. Brincando, a criança entra em contato com o ambiente, relaciona-se com o outro, desenvolve o físico, a mente, a autoestima, a afetividade, torna-se ativa e curiosa (SIAULYS, 2005, p.10).

Desta forma, podemos afirmar que “somos corpos fazedores e transformadores do mundo, corpos vivos, num tempo e num espaço, experimentando todas as possibilidades emergentes e que nos são de direito” (SANTOS, CAMINHA & FREITAS, 2012, p.79). No contexto educacional, portanto, entendemos o quanto o movimento é um artifício determinante para o processo de ensino-aprendizagem, pois é por meio dele que a criança irá se apropriar do mundo em que está inserida. Sob a mediação do educador na promoção de atividades embasadas em uma pedagogia do corpo efetiva, a espontaneidade infantil pode ser redirecionada para fins educativos que proporcionem não apenas a aprendizagem, mas o próprio desenvolvimento infantil.

Nesse sentido, é necessário que sejam os equívocos, tão presentes no cenário educacional, sejam superados, à exemplo das práticas desvinculadas de efetivo valor expressivo, aonde jogos, brincadeiras e dramatizações são constituídos enquanto passatempos, ou sob uma excessiva preocupação com a estetização. Comumente, estas atividades na “educação infantil, via de regra, dão prioridade à montagem de espetáculos de teatro, em detrimento da prática e da valorização de jogos que desenvolvam a expressividade dramática, a capacidade criativa e a interação social entre as crianças” (CUNHA, 1999, p.96).

O jogo dramático na verdade pode representar um diferencial enquanto oportunização de expressividade, a partir do momento em que permite que a criança externalize suas subjetividades, que opere corporalmente nos diversos espaços e maneiras, em um processo exploratório. Com a associação entre a espontaneidade infantil e o cenário, as crianças “à medida em que evoluem, desenvolvem diferentes maneiras de jogar e tornam-se capazes de assimilar o conteúdo e regras de diferentes atividades que podem constituir estímulos de aprendizagens motoras, cognitivas, sociais e estéticas” (CUNHA, 1999, p.98).

Outro grande diferencial que envolve corporeidade na escola é a dança. Enquanto um conjunto de movimentos corporais globais, ela desenvolve, a partir da sintonia com a melodia, o envolvimento do indivíduo como um todo e integraliza suas funções e percepções. Sob o prazer de sentir a si mesmo, de expressar-se, a dança proporciona a comunicação do indivíduo em sua afetividade singular. Contudo, “nem sempre a dança é entendida como linguagem em situação escolar. Ao contrário disso, a dança é entendida como repertório (conjunto de passos, “coreografias”)”. (MARQUES, 2012, p.7). No Brasil, país de diversas representações culturais, a dança é algo inerente à constituição desses aspectos, pois faz parte da expressão de um povo, grupo regional ou étnico e, portanto, como afirma Porpino (2012):

É função da escola contribuir para ampliar a compreensão do aluno sobre o ato de dançar, uma vez que, além do aprendizado do gesto dançante, ele aprenderá, também, a apreciar os vários repertórios da dança, a conhecer seus diversos significados sociais e a discutir a dança como forma de expressão artística em diversas culturas, inclusive no contexto social em que ele vive (PORPINO, 2012, p.11).

A dança, como uma atividade humana, se sobrepõe ao simples ato de movimentação corporal, excedendo os limites das barreiras físicas e biológicas, e constituindo-se enquanto favorecimento de expressão e comunicação no cenário das relações interpessoais.

61 SUGESTÕES DE PRÁTICAS DE ATIVIDADES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

As crianças da educação infantil representam seres em puro desenvolvimento, ávidos por manipular e descobrir o mundo a sua volta. Elas se superam a cada movimento, ampliando seu domínio próprio e seu campo de conhecimento a partir, principalmente, dos processos motores.

Convictos da essencialidade da corporeidade nas ações pedagógicas como elemento maximizador do processo de aprendizagem, sobretudo, na Educação Infantil, descreveremos, brevemente, algumas atividades psicomotoras que podem permear uma Pedagogia do Corpo efetiva, a partir do reconhecimento de que “a corporeidade na educação sistemática e nas brincadeiras e jogos estão a merecer uma compreensão de uma dimensão mais ampla” (FIGUEIREDO, 2009, p.32).

Pintura com mãos e pés.

A pintura é extremamente importante enquanto estratégia de organização e apropriação de um pensamento simbólico em processo de constituição. Enquanto linguagem, deve ser compreendida em sua especificidade simbólica e material, mas em nenhum momento pode ser desarticulada das demais ações lúdicas das crianças

(RICHTER,2009).

Esta atividade possibilita ao mesmo tempo diversão e desafios. Além de despertar o interesse nas crianças, pelo contato com diversas cores e misturas, proporciona o desenvolvimento da coordenação motora fina. É também um processo no qual a identidade da criança pode ser trabalhada a partir da identificação de semelhanças e diferenças, e do “eu”, representado em “minhas mãos” e “meus pés”.

Andar com uma bola entre as pernas

Acerca de atividades de coordenação motora e equilíbrio, Miranda (2003, p. 1) afirma que “proporcionar o trabalho psicomotor irá ajudar na estruturação da personalidade da criança, já que ela pode expressar melhor seus desejos, elaborar seus fantasmas, desenvolver suas necessidades e trabalhar suas dificuldades”. Assim, o exercício de andar com uma bola entre as pernas ou andar em cima de uma corda, além de ser uma atividade divertida, proporciona o fortalecimento da musculatura infantil e o equilíbrio corporal.

Jogo de mímica

O jogo de mímica, além de interesse, traz muitas possibilidades de aprendizado. Isto porque, essa atividade envolve a utilização de todo o corpo, por meio de movimentos e expressões. Por haver mais de um participante, todos terão o momento de participar em papéis diferenciados, ora adivinhando, ora no papel de mímico. Esse processo, além de desenvolver aspectos psicomotores, dá vazão à criatividade e à oralidade, estimulando e diferenciando as formas comunicativas. Nesse sentido, segundo Brito (2013, p. 30), “atividades que incluem adivinhação possuem um caráter simbólico e desenvolvem a capacidade de imaginação.”

Dramatização

A dramatização, pelo seu caráter globalizado, se caracteriza como uma atividade completa. Nela, a criança tem a oportunidade não apenas de desenvolver aspectos corporais, mas também de externar suas subjetividades e a sua identificação com personagens diversos, explorando a oralidade e a expressividade.

Os jogos dramáticos são brincadeiras que nascem da ação intuitiva da criança ou que são elaborados por adultos, o único critério que existe é respeito ao mundo infantil, as possibilidades vão desde o uso de músicas, coreografias, vestuários, necessários diversos etc. (COSTA, et.al. 2012).

A famosa brincadeira de pega-pega

Mesmo antiga, a brincadeira de pega-pega, felizmente ainda se faz muito presente atualmente. Ela favorece toda uma mobilidade motora, pois permite que a criança explore o meio a sua volta de uma forma descontraída e, ao mesmo tempo, trabalhe a agilidade. Também contribui para desenvolver a interação social, a competição saudável, a superação

de seus próprios limites e a troca de papéis. Assim, em um exercício divertido, a criança aprende a lidar com ganhos e perdas fazendo uso do próprio corpo.

7 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do percurso deste estudo, refletimos amplamente acerca do corpo em suas várias nuances. Primeiramente, sob a concepção histórica, que fragmenta o homem em corpo e mente, numa concepção de corpo enquanto objeto. Nesse sentido, ele é percebido de forma descontextualizada, à margem do próprio indivíduo, já a mente é considerada o aspecto humano de maior representatividade, a porção racional e diferencial dos demais seres vivos, central no processo de aprendizagem.

No cenário educacional, essa concepção fragmentada configura-se no que Foucault denomina de docilidade dos corpos, processo de valorização da mente e da inteligência, que prevê um corpo disciplinado e com uma postura inerente, onde o papel do professor é transmitir conhecimentos dos alunos é absorver conteúdos previamente selecionados, estando enfileirados, numa estrutura que favorece a ordem e impede a interatividade, o movimento corporal e a comunicação.

Nesse sentido, surge a necessidade de uma ciência voltada para o corpo, com tempo e espaço previamente definidos, a Educação Física. As aulas representam o momento em que o movimento corporal é permitido e estimulado, enquanto o pensamento pode, teoricamente, ser relegado a segundo plano. Há, nessa prática, a ideia de humano fracionado, sob a concepção que o subordina a tal diferenciação aonde, a partir da variação do momento e do espaço, há a respectiva priorização do corpo ou da mente.

No cenário da educação infantil, a corporeidade tem sido reduzida aos paradigmas sociais de implementação da disciplina por meio da docilidade dos corpos. A associação equivocada do não-movimento com a alta capacidade de aprender, tende a formar cidadãos passivos. Essa perspectiva endossa a afirmativa que o aluno que é ativo, que se movimenta, que expressa curiosidade, está fadado ao fracasso escolar por não se adequar às ações pedagógicas disciplinares desenvolvidas em sala de aula.

Sob tal concepção, constata-se que as brincadeiras e jogos desenvolvidos no cenário educacional têm sido desenvolvidos prioritariamente de forma livre, sem uma mediação e intenção do educador para atingir determinados objetivos, como em eventos, nos quais o movimento é incentivado sem fins pedagógicos, e a subjetividade é deixada a margem para dar lugar à modelos corporais que reproduzem movimentos com o intuito de entreter um público alvo.

Diante desse contexto, é essencial oportunizar a formação inicial e continuada dos educadores voltada ao reconhecimento do corpo enquanto representação própria do ser humano. A compreensão da corporeidade como veículo de apropriação social e

cultural, além de manifestação da forma de existir no mundo, é determinante não só para a construção e ampliação de saberes diversos, como também para que haja a reestruturação curricular e pedagógica com o intuito de potencializar a aprendizagem infantil.

Jogos, brincadeiras, danças, dramatizações e outras atividades lúdicas que envolvam a corporeidade devem priorizar a expressividade infantil, e embora que com objetivos pré-determinados, permitam à criança sentir-se livre para explorar o meio, poiso contato com o mundo, com outro e, conseqüentemente, com a sua própria existência corporal, faz com que a criança se reconheça enquanto ser singular e desenvolva habilidades vinculadas não só a psicomotricidade, mas globalizadas, em um processo de assimilação cultural de ampliação dos aspectos cognitivos e emocionais.

É a partir do reconhecimento da corporeidade em sua amplitude que a possibilidade de estabelecer uma pedagogia do corpo pode ser materializada. Nesse sentido, a movimentação, ao invés de ser castrada, será estimulada com objetivos diferenciados, oportunizando uma apropriação enriquecedora dos aspectos sociais e culturais por parte do educando.

Sob esta ótica de favorecimento do movimento e da corporeidade, o aspecto lúdico, enquanto elemento facilitador da aprendizagem torna-se inerente ao nível infantil. Essa parceria desperta o interesse e potencializa a aprendizagem a partir de atividades que favorecem a interdisciplinaridade em processos em que a criança, ao mesmo tempo em que brinca com o corpo, se reconhece como sujeito. É observando a si e ao outro, com atuação corpórea, não apenas no sentido psicomotor, que a perspectiva de sujeito globalizada se desenvolve.

Diante do exposto e convictos da interdependência lúdica e corporal, as ações pedagógicas pensadas e desenvolvidas pelos educadores devem priorizar os aspectos concernentes à corporeidade, evidenciando-a enquanto elemento inerente ao desenvolvimento infantil e ao processo de ensino-aprendizagem. A Educação Física deve estar aliada a essas atividades sem, contudo, ser exclusiva. Frente ao estudo realizado, nos convencemos da impossibilidade de ignorar o corpo no processo de aprendizagem, pois é com e através dele que o ser humano se posiciona nas interações com o outro e com o meio.

Dessa maneira, concluímos que os atores educacionais estão sendo convocados a refletirem sobre a dissociação entre corpo e mente, lúdico e corporeidade. Devem, pois, reconhecer, de maneira integralizada, o vínculo existente entre ambos, percebendo que o corpo estimulado a vivenciar situações lúdicas se desenvolve a partir destas, não enquanto parte segmentada do indivíduo, mas como representação do sujeito em sua totalidade.

Refletamos o papel que o corpo ocupa no processo de ensino-aprendizagem atualmente e em que medida há a liberdade e a oportunidade de expressividade, de

compartilhamento das singularidades humanas, para que não perpetuemos a condição de segmentação do ser humano na cultura do não movimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. **Corporeidade e Educação**. In: RAPOSO, Ana Elvira Steinbach; CASTRO, Ricardo Dias de. (Orgs). *Trânsito de Fronteiras entre Educação e Saúde na Escola Infantil*. João Pessoa: Editora Universitária da Ufpb, 2012.

BRITO, Michele Christiane Alves de Brito. **Aprendendo com o corpo na educação infantil**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação) – Universidade Federal da Paraíba. Paraíba. p.41, 2013.

COSTA, Cristiane Marinho da Costa. et.al. **Linguagem e Pensamento na Educação Infantil**. In: BEZERRA, Lebiã Tamar Silva; OLIVEIRA, Stella Maria Lima Gaspar de. (Orgs). *Pensamento, linguagem e ludicidade na Educação Infantil*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. et. al. **Cor, Som e Movimento: a expressão plástica, musical e dramática no cotidiano da criança**/organizadora, Susana Rangel Vieira da Cunha- Porto Alegre: Mediação, 1999.

DAOLIO, Jocimar. **Educação Física e o Conceito de Cultura/Jocimar Daolio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu; MYNAIO, Maria Cecília de Souza (Organizadora). **Pesquisa Social: teoria , método e criatividade**. – Petrópolis Rj. Vozes, 26ª edição, 1994.

FIGUEIREDO, Márcio Xavier Bonorino. **A corporeidade na escola: brincadeiras, jogos e desenhos** / Márcio Xavier Bonorino Figueiredo- Pelotas: Editora Universitária – UFPel, 2009, 6ª ed.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Editora Vozes, 20ª edição, 1999.

MARQUES, Renato; Almeida, Marcos Antonio Bettine de. **Qualidade de vida: definição, conceitos e interfaces com outras áreas, de pesquisa** / Marcos Antonio Bettine de Almeida, Gustavo Luis Gutierrez, Renato Marques : prefácio do professor Luiz Gonzaga Godoi Trigo. – São Paulo: Escola de Artes, Ciências e Humanidades – EACH/USP, 2012. 142p.: il.

MIRANDA, Joanna. **Psicomotricidade**. Coleção Quando Gira o Mundo, nº 13/2003 MULTIRIO - Presidência - Regina de Assis • Diretoria de Publicações - Maria Inês Delorme • Equipe de Produção - Cristina Campos (conteúdo), Caio Braga (ilustração), Erick Grigorovsky (ilustração), Guaira Miranda (diagramação), Nancy A. Soares (revisão) • Fotolitos e Impressão – Gráfica e Editora Posigraf • Tiragem - 40 mil exemplares

MODERN, TIMES. Direção, Roteiro, Produção e Música: Charles Chaplin. Atores principais: Charles Chaplin; Poullete Goddard; Henry Bergman. Estados Unidos: 1936. Estúdio: United Artists/Charles Chaplin Productions; Distribuidora: United Artists; 86 min. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=D_kpovzYBT8> . Acesso em 15/05/13.

PAÍN. Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**; Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre, Artes Médicas, 1985.

PORPINO, Karenine Oliveira. **Corpos que dançam, corpos que educam**. In: MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos Martins; PIRES, Gláucia Nascimento da Luz; PIRES, José. (Org.). *Inclusão escolar e social: novos contextos, novos aportes*. 1ed.Natal: EDUFRN, 2012, v. 1, p. 213-226.

QUADRADO, Raquel P.; RIBEIRO, Paula Regina C. **O corpo na escola: alguns olhares sobre o currículo**. Fundação Universidade do Rio Grande, FURG. *Ensenanza de LasCiencias*, 2005. Número Extra, VII Congresso.

OLIVEIRA, Ivete Manguiera de Souza Oliveira. **O corpo e o movimento no contexto da Educação Infantil na Perspectiva da Teoria Histórico-Cultural: Reflexões necessárias**. In: VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz; FARIAS, Rhaisa Naiade Pael Farias; MIRANDA, Simão (Org). *EDUCAÇÃO INFANTIL NA PERSPECTIVA HISTÓRICO-CULTURAL: Concepções e Práticas para o Desenvolvimento Integral da Criança*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. p. 164-188.

RICHTER, Gerhard. **Abstract Paintings**. Goodman (Marian) Gallery, U.S, 2009.

SAMPAIO, L.R., org. **Avaliação nutricional** [online]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 1-7. Sala de aula collection. ISBN: 978-85-232-1874-4.

SAMUDIO, Kerullyn de Oliveira Silva; OLIVEIRA, Keyla Andrea Santiago. **Corpo na Educação Infantil: Uma análise curricular da BNCC na perspectiva da teoria crítica**. In: XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO), 2020, Uberlândia, *Anais GT 07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos*. Uberlândia: ANPED, 2020, 1-4.

SANTOS, L. A. M.; CAMINHA, I. O.; FREITAS, A. G. B. **O Corpo Próprio como princípio educativo: reflexões a partir das contribuições de Merleau-Ponty**. In: HERMIDA, J. F.; ZOBOLI, F. (Org.). *Corporeidade e Educação*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012. p. 77-114.

SIAULYS, Mara O. de Campos. **Brincar para todos/ Mara O. de Campos Siauyls** – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2005.

Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática





Educação e interdisciplinaridade:

Teoria e prática

conhecimento *interdisciplinaridade* *crítica*
experiencia *ensino*

professores *educação* *impacto*

reflexão *prática* *sentimentos*

agir *teoria* *emoções*

sentir *alunos* *transformação*

dificuldades *ver* *aprender*

compartilhar *realidade*

crescimento

mudar o mundo *aprendizagem*
contexto
educacional

Atena
Editora
Ano 2021